

OS RIOS E A HISTÓRIA

Unzer Macedo

Resumo

Os rios foram locais de disputas, lendas e fonte para a existência e crescimento das sociedades humanas ao longo da história. Desde o uso coordenado do rio Nilo, aos rios indianos que foram reverenciados pela sua divindade, a impetuosidade das enchentes do rio Amarelo chinês, as disputas diplomáticas em torno do rio Congo na África central, do acesso ao empreendimento colonizador dos EUA pelo rio Mississippi, das lendas de riqueza e espanto diante do rio Amazonas e da coordenação política acordada com o uso conjunto das águas do rio Danúbio e Murray. O artigo, em suma, pretende analisar a importância dos rios ao longo da história e alertar para a crescente responsabilidade no uso de seus recursos.

Palavras-chave: História – Meio Ambiente – Rios e História

Abstract

Rivers were always places of contention, legends and source for the existence and growth of human societies throughout history. From the coordinated use of the Nile River to the Indian rivers revered by their divinity, the impetuosity of the floods of the Chinese Yellow River, the diplomatic disputes around the Congo River in central Africa, the access to the European colonizers by the Mississippi River, the legends of wealth and amazement of the Amazon River and the political coordination agreed upon the use of the Danube and Murray. The article, in short, intends to analyze the importance of rivers throughout history and to alert to the growing responsibility in the use of its resources.

Keywords: History – Environment – Rivers and History

OS RIOS E A HISTÓRIA

*Emiliano Unzer Macedo**

"I do not know much about gods, but I think that the river is a strong brown god".

(T.S. Elliot, "The Dry Salvages", seção 1, linhas 390-391)

Os rios foram fundamentais para a história humana. E isso é evidenciado pelo intenso uso dos rios e pela percepção dos povos nas suas margens e vales em termos nutricionais, comerciais, políticos e culturais. Foram os rios que muitas vezes definiram a integração de povos em termos étnicos e linguísticos, e foram eles os motivos de batalhas e definição de fronteiras entre nações.

É conhecida a frase que o grande historiador grego Heródoto escreveu no século 5º. a. C. acerca da importância do rio Nilo para a civilização faraônica no Egito, "o Egito é uma dádiva do Nilo"⁹. Pois foi pela regularidade e perenidade do Nilo, a sua fonte mais perene advinda do afluente Nilo Branco originada das pantanosas terras sudanesas a sudoeste (o "Sudd"), e pelas impetuosas enchentes do Nilo Azul advindo dos planaltos etíopes, que o Nilo providenciou aos povos egípcios ribeirinhos terras marginais férteis com lodo rico em nutrientes dos cursos tributários para o plantio de alimentos e pasto para os rebanhos.

Pela via política e comercial, o Egito em tempos faraônicos (3100 a. C. – 332 a. C.) assegurou a sua integridade dadas as condições naturais do Nilo. O rio proporcionou as condições de plena integração de norte ao sul ao longo de seu curso navegável ao regime faraônico, no uso de sua correnteza que corre da nascente no sul até o seu delta no norte, e pelos ventos predominantes no sentido inverso, vindos do Mediterrâneo ao norte para as terras sudanesas ao sul. Ademais, foram várias as expedições faraônicas rumo ao montante do Nilo visando garantir o alcance aos produtos rentáveis das terras mais meridionais do Nilo, ouro, incenso, marfim, ébano, gado, escravos e mesmo plumas

* Doutor em História Social pela USP, mestre em Postcolonial Politics pela Universidade de Gales, Aberystwyth, Reino Unido, e graduado em Relações Internacionais pela UnB, é professor da UFES com artigos e livros publicados sobre História Moderna e Contemporânea da Ásia e África.

⁹ HERODOTUS. *The Histories*. Londres: Penguin Classics, 2003, Livro II. Capítulo 5.

de avestruz, como evidenciado nos retratos da expedição ao Punt da regente faraônica Hatchepsut no século 15 a. C.

Não foi somente o Nilo sustentador da vida e da fertilidade das sociedades humanas. Em outras partes do mundo, os rios são referidos nos mitos e crenças como "mães", *Namardai*, "Mãe Narmada", na Índia central. O Volga, na Rússia, é *Mat Rodnaya*, "Mãe da Terra". A palavra tailandesa para rio, *mae nan*, é literalmente "mãe da água". Os rios frequentemente foram associados às divindades femininas, pela sua associação à fertilidade e provedora de vida. No Egito antigo, as inundações do Nilo eram interpretadas como as lágrimas da deusa Ísis. O rio Boyne na Irlanda foi adotado como uma deusa pelas tribos celtas. Os rios indianos estão envolvidos umbilicalmente aos mitos, contos épicos e significados religiosos, como o Ganges, *Ma Ganga*, "Mãe Ganges". E diz uma lenda indiana que "todos os pecados são lavados banhando-se três vezes no rio Saraswati, sete vezes no rio Yamuna, uma vez no Ganges, mas a simples visão do rio Narmada é suficiente para absolver um dos pecados" ¹⁰. Outro texto antigo indiano descreve o Narmada como "doador de alegria" e "aquele que irradia felicidade".

Na China, os rios Amarelo (Huang He) e Yangtzé testemunharam em suas margens o estabelecimento de povoados fixos e sedentários já em fins do período Neolítico. Os indícios materiais mais antigos da civilização chinesa, a da dinastia Shang (c. 1600 – 1046 a. C.) foram todas encontradas ao longo do vale do rio Amarelo, como as primeiras inscrições letradas em forma de pictogramas em ossos para fins oraculares ¹¹. Foi a partir dessa escrita, ao longo dos milênios, que surgiu a escrita chinesa, um dos pilares da cultura chinesa e de todo o leste asiático.

No continente americano, os rios eram cultuados também como local de vida sagrada, como o salmão. Os índios nativos norte-americanos da costa noroeste virado ao Oceano Pacífico acreditavam que os salmões eram seres divinos que subiam os rios em benefício da vida das pessoas. E quando morriam esses peixes, voltavam a uma imensa moradia debaixo do oceano onde se banquetavam em forma humana ¹².

Os rios também eram considerados e temidos pelo seu poder destrutivo. Os assentamentos humanos nas planícies permitiram às pessoas aproveitar e cultivar os solos aluviais, mas também ficaram expostos às inundações catastróficas do rio. O rio Amarelo, no norte chinês, ceifou milhões de vidas pelas suas violentas enchentes, cujos

¹⁰ SEN, Geeti & BANERJEE, Ashis (Orgs.). *The Human Landscape*. Nova Delhi: Orient Longman, 2001, p. 85.

¹¹ SHI, Bo. *Between Heaven and Earth: a history of Chinese writing*. Boulder, Colorado: Shambhala, 2003, pp. 11-17.

¹² TAYLOR, Colin. *Native American Myths and Legends*. Nova York: Smith Mark, 1994, pp. 93-94.

primeiros relatos se estendem desde cerca de 600 a. C. até o ano de 1946 com estimadas 1 593 enchentes¹³ e milhões de mortes. Durante essas violentas enchentes, o rio Amarelo, conhecido entre os chineses como “rio da tristeza” chegou a mudar no seu curso 26 vezes. Suas enchentes e rompantes se dão pelo acúmulo de neve e gelo que se despredem e derretem em suas nascentes nas montanhas tibetanas de Bayan Har. A história chinesa é repleta de narrativas sobre a tentativa do homem em controlar ou ao menos apaziguar as forças das águas dos rios.

A impetuosidade das enchentes dos rios também foi relatada num dos épicos mais antigos da história, o Gilgamesh, que nos fala de um enorme dilúvio desencadeado por Deus para flagear os pecadores na Mesopotâmia, no sul do Iraque. Mitos e lendas de inundações são comuns a outras culturas do mundo, desde os judeus do Antigo Testamento aos pagãos nórdicos e povos ameríndios, como a lenda inca do Unu Pachakuti que alerta para a iminente inundação do lago Titicaca no altiplano andino a corrigir os vícios e erros humanos¹⁴.

Os rios foram alvo de intensa exploração pelo seu valor estratégico e de acesso ao interior. Caso evidente disso foi o rio Mekong, no Sudeste Asiático. Os franceses (conforme as expedições organizadas na década de 1860 pelo capitão De Lagrée e Garnier) tinham ambiciosos planos de navegação ao longo do rio para ter acesso irrestrito ao interior do Camboja, Laos, Tailândia, Vietnã e as províncias chinesas meridionais de Yunnan, região de reservas minerais e dos melhores chás do mundo¹⁵. Contudo, a expedição se defrontou com inúmeras revoltas populares, além de constatarem inúmeras cataratas e corredeiras que impediram uma fácil navegação. Nem sempre os rios concedem acesso fácil e esperado pelas suas águas.

As contendas pelo valor estratégico de um rio e sua bacia foram o tema central das negociações entre os países europeus na Conferência de Berlim de 1884 e 1885 acerca da África e, especificamente, do rio Congo. A ambição do jovem rei belga, Leopoldo II, se concretizou após os relatos de exploração de David Livingstone na região central africana pela bacia do rio Congo. Leopoldo II decidiu então reivindicar toda a imensa área hidrográfica congoleza, que dava acesso e escoamento único de toda a região central africana para o Oceano Atlântico. O que provocou a indignação dos interesses franceses, britânicos, portugueses e alemães, todos com algum interesse na

¹³ TREGGAR, T. R. *A Geography of China*. Nova Jersey: Transaction, 2007, p. 218.

¹⁴ DUNDES, Alan (Org.). *The Flood Myth*. Berkeley, Califórnia: University of California Press, 1988, p. 228.

¹⁵ MACEDO, Emiliano Unzer. *História da Ásia: uma introdução à sua história moderna e contemporânea*. Sead/ Ufes, 2016, p. 47.

região. A Conferência então foi idealizada pelo governo português visando negociar o controle do estuário do rio Congo ¹⁶, principal ponto de contenda diplomática, e os encontros se deram sob os auspícios do maior estadista europeu da época, o chanceler alemão Otto Von Bismarck, nos arredores de Berlim.

As mais duras negociações envolveram em delimitar a bacia hidrográfica do rio Congo, pois somente assim feito, poderiam ser atendidas as reivindicações do regente belga. Além disso, foi depois acordado de que o rio Congo seria de livre acesso às outras nações por embarcações mercantis, ou seja, o rio seria neutro. Nos termos finais, foi criada a entidade sob o controle de Leopoldo II sobre grande parte da bacia congoleza e acesso ao estuário sob o nome do Estado Livre do Congo. Nos mesmos encontros diplomáticos, também foi definido de que a parte baixa do curso do rio Níger, na costa ocidental africana ficaria sob controle britânico (dando-lhes acesso ao rentável óleo extraído do dendê) e o rio Senegal e alto curso do rio Níger sob os franceses¹⁷.

Um dos mais importantes rios da Europa, o Danúbio, atravessa o território de dez países, mais que qualquer outra via fluvial do mundo. E por esse motivo, o Danúbio sempre se imbuíu de disputas e negociações sobre o seu controle e acesso por governos europeus. As maiores batalhas da história moderna europeia se deram com a gradativa retração da dominação otomana da região do Sudeste Europeu e as rivalidades (e ambições) com a família imperial austríaca dos Habsburgos.

O Danúbio chegou a ser a fronteira mais setentrional do império otomano por séculos desde o século 16, cujo rio os turcos otomanos denominavam Tuna. Mas com o crescente enfraquecimento dos otomanos no século 19, e decorrida a Guerra da Criméia (1853-1856) e a Guerra Russo-Turca (1877-1878) que evidenciaram a incapacidade dos otomanos sobre seus territórios europeus, foram atizadas as ambições imperiais de russos e austríacos pelo controle da região do Danúbio e do sudeste europeu. Cujo impasse foi um dos fatores para a deflagração da Primeira Guerra Mundial no assassinato do herdeiro do trono austríaco, Francisco Ferdinando dos Habsburgos em julho de 1914 numa ponte em Sarajevo, na Bósnia, que décadas antes pertencia ao império otomano e alvo de disputa pelos austríacos.

O rio Danúbio chegou a ser tema de inspiração do Romantismo europeu, visando afirmar a própria existência (e controle) dos Habsburgos sobre o rio, conforme foi comissionada a famosa valsa, “Danúbio Azul”, composta em 1866 por Johann Strauss II.

¹⁶ Os portugueses bem sabiam do valor estratégico do controle de um estuário de um grande rio, como o fizeram e disputaram por séculos no rio Amazonas e o rio da Prata, na América do Sul.

¹⁷ OLIVER, Roland. *Africa Since 1800*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, pp. 118-122; 127-129.

A paisagem e natureza do rio foram elementos centrais para a afirmação da identidade de nações e estados novos criados em meados do século 19. Como o caso da Alemanha, unificada em 1871 após um rápido e decisivo conflito contra os franceses, a reivindicar o rio Reno como parte integrante do povo alemão, expressado na música *Die Wacht am Rhein* (“A Vigília no Reno”), para a viva indignação de muitos franceses. Os rios foram, pois, objeto de inspiração e conflitos na história.

Mas desde meados do século 19, já havia a percepção de cooperação para a pacífica utilização do rio Danúbio. As discussões iniciais sobre a cooperação intereuropeia se iniciaram em Paris em 1856 (antes da unificação alemã e das ambições austríacas, portanto) e em 1921 (após a derrota dos alemães e austríacos na Primeira Guerra Mundial). Foi definitivamente criada a Comissão do Danúbio em 1948, com a participação de vários países (Alemanha, Áustria, Bulgária, Croácia, Eslováquia, Hungria, Romênia, Rússia, Ucrânia e Sérvia), cuja finalidade foi de resguardar a livre navegação internacional do rio e a zelar pela sua condição pacífica¹⁸. Foi um dos casos mais emblemáticos de acordos internacionais de um rio na história do século 20, ajudando a consolidar a ordem no continente europeu.

O mesmo espírito de cooperação foi vital para a harmonia dos estados mais povoados no sudeste da Austrália. Os estados australianos de Nova Gales do Sul, Victoria, e Austrália Meridional, onde se localizam as cidades de Sidney, Adelaide e Melbourne, são atravessadas pelo extenso rio Murray. Os projetos de irrigação e uso da água do Murray se intensificaram com a maior imigração e colonização a partir da década de 1850 em diante, permitindo a expansão da terra cultivada irrigadas. Os conflitos de interesse entre os três estados federativos se acirraram na segunda metade do século 19, algo que deveria ser esquacionado se fosse pretendida a coesão da nação. E nisso resultou os Acordos do Rio Murray, em que foi proposta a construção conjunta de reservas aquíferas nas nascentes do rio e no Lago Victoria ao longo de seu curso¹⁹. Esses acordos entre as partes sobre o uso conjunto dos recursos do rio Murray foram depois base para futuros projetos de transporte e integração australiana ao longo do século 20.

No continente americano, hoje no território dos Estados Unidos, o rio Mississippi foi peça fundamental para a posterior expansão estadunidense rumo ao oeste a partir da costa atlântica. A vasta região interiorana, além dos Montes Apachales, eram terras de inúmeras nações de índios nativos americanos, como as nações ojibwa, winnebago,

¹⁸ COGEN, Marc. *An Introduction to European Intergovernmental Organizations*. Londres: Routledge, 2016, p. 240.

¹⁹ TECLAFF, Ludwik. *The River Basin in History and Law*. Haia, Martinus Nijhoff, 1967, pp. 141-146; 202.

fox e choctaw. O primeiro europeu a relatar sobre a região das planícies centrais e da bacia do rio Mississippi foi o explorador espanhol Hernando de Soto em 1541. Depois, vieram os relatos de outros exploradores franceses, que reivindicaram a posse do rio Mississippi até o Golfo do México em 1682 pela voz de Robert de La Salle para a Coroa Francesa. E foram os franceses os primeiros europeus a se estabelecerem na bacia e estuário do Mississippi.

A condição política do Mississippi somente foi mudada após a aquisição da sua bacia pelo governo dos EUA em 1803, na chamada Aquisição de Louisiana²⁰. Desde então, a bacia e o rio Mississippi, e toda a região abarcada, permitiu ao avanço colonizador do governo dos EUA, conforme encorajava a ideologia do “Destino Manifesto”²¹ e a presidência de Andrew Jackson (1829-1837), em cima do deslocamento e morte de milhares de índios nativos americanos. Toda a tragicidade dos colonos e ameríndios nessa empreitada foi vivamente retratada nas obras literárias de Mark Twain, que serviram de inspiração para a criação do mito do colono estadunidense no Meio Oeste Americano ao longo do século 19. Não é exagero, portanto, em afirmar que o controle do Mississippi foi crucial para a consolidação continental dos EUA.

Outro rio de dimensões colossais também foi objeto de mitos e lendas para a formação nacional no continente americano. O rio Amazonas. Tal nome remete às expedições do explorador espanhol Francisco de Orellana que foi o primeiro europeu a navegar por toda a extensão do rio em meados do século 16. Seu sonho era, tal como muitos aventureiros da época, encontrar uma rica civilização perdida nos trópicos, como era propagado por lendas e contos. O suposto “El Dorado”²².

O nome Amazonas apareceu como inspiração quando suas embarcações, já bastante avançado rumo ao jusante do rio desde que partiram em 1541 de Quito, no Equador, guerrearam-se com nações indígenas nas margens e algumas mulheres exímias no manejo do arco e flecha. Ao fim da aventura, Orellana não encontrou a sua pretendida civilização perdida, mas ainda assim seus relatos de navegação eletrizaram as cortes europeias. Desde então, as lendas acerca da exuberância e riqueza da região amazônica cativaram a imaginação do público mundial. O território amazonense depois seria negociado entre os portugueses e espanhóis. Com a independência das colônias

²⁰ SCHNEIDER, Paul. *Old Man River: The Mississippi River in North America History*. Nova York: Henry Holt & Co., 2013, pp. 188-190.

²¹ Doutrina política que pregava a excepcionalidade divina dos colonos norte-americanos a expandirem e ocuparem toda a vastidão da América do Norte rumo à costa do Oceano Pacífico.

²² LEVY, Buddy. *River of Darkness: Francisco Orellana's legendary voyage of death and discovery down the Amazon*. Nova York: Bantam Books, 2011.

americanas das coroas ibéricas a partir do início do século 19, boa parte da bacia amazônica ficou sob a soberania do governo brasileiro.

Os rios, enfim, foram objeto e *locus* da imaginação e ambição de nações e governantes. Mas a partir da Revolução Industrial, a partir de fins do século 18 em diante, a paisagem, a natureza e os rios começaram a ser modificados para os objetivos (e despejos) da produtividade em maior escala. E para suprir a demanda energética das indústrias, os rios começaram a ter alterado e represado os seus cursos, gerando mudanças profundas nas bacias hidrográficas. Nada altera um rio tão profundamente como uma represa, ela é a antítese de um rio, que flui e não é estática, como já ponderou o filósofo Heráclito sobre a constante fluidez do estado de ser de um rio ²³.

Uma represa é monumentalmente estática, tenta controlar o rio, regular seu padrão de inundações e fluxos. O que traz algumas consequências benéficas para aqueles povos ribeirinhos vítimas das inconstâncias de um rio. Um dos maiores feitos de engenharia de meados do século 20 foi a construção da represa de Assuã, na parte meridional do Egito, permitindo à nação egípcia um maior controle e previsão das inundações do Nilo a jusante. No médio curso do rio Yangtzé, os chineses concluíram em 2012 uma das maiores represas do mundo para a geração hidrelétrica de energia, a estação das Três Gargantas. De estatura semelhante, ao longo da bacia do Rio Paraná, na América do Sul, o governo brasileiro construiu a hidrelétrica de Itaipu em 1982. Visando atender as demandas grandiosas da produtividade industrial, o ser humano empreendeu obras faustosas.

Mas a represa guarda em si as consequências de sua construção na natureza do rio. O curso é alterado, a biodiversidade e os povos ribeirinhos sofrem as variações da mudança do ambiente. Ademais, os rios são locais de despejo urbano, agrário e industrial. Nada mais trágico do que ocorreu em fins de 2015 com o rio Doce, na região sudeste brasileira, com o rompimento das barragens da empresa mineradora Samarco, sob controle acionário da multinacional brasileira Vale S. A. e da australiana BHP Billiton. O que gerou uma quantidade incalculável de lama de rejeitos a correr pelo curso do rio, matando e modificando o ecossistema em sua bacia, as terras ao longo de suas margens e a população ribeirinha.

Em suma, os rios foram componentes fundamentais para a história humana, desde os tempos mais recuados. Manacial de vida, os rios foram motivos de inspiração, lendas, disputas e fontes para o sustento do ecossistema e sociedades humanas. Nos

²³ KIRK, G. S. *Heraclitus: the Cosmic Fragments – a critical study*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 377.

últimos séculos, com o adensamento populacional, o aumento da produtividade agrária e industrial e as conseqüentes mudanças climáticas evidenciaram a responsabilidade humana sobre os rios.

◆ REFERÊNCIAS

- ❖ COGEN, Marc. *An Introduction to European Intergovernmental Organizations*. Londres: Routledge, 2016.
- ❖ DUNDES, Alan (Org.). *The Flood Myth*. Berkeley, Califórnia: University of California Press, 1988.
- ❖ ELLIOT, T. S. *The Dry Salvages*. Londres: Faber & Faber, 1941.
- ❖ HERODOTUS. *The Histories*. Londres: Penguin Classics, 2003.
- ❖ KIRK, G. S. *Heraclitus: the Cosmic Fragments – a critical study*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- ❖ LEVY, Buddy. *River of Darkness: Francisco Orellana's legendary voyage of death and discovery down the Amazon*. Nova York: Bantam Books, 2011.
- ❖ MACEDO, Emiliano Unzer. *História da Ásia: uma introdução à sua história moderna e contemporânea*. Sead/ Ufes, 2016.
- ❖ OLIVER, Roland. *Africa Since 1800*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- ❖ SCHNEIDER, Paul. *Old Man River: The Mississippi River in North America History*. Nova York: Henry Holt & Co., 2013.
- ❖ SEN, Geeti; BANERJEE, Ashis. (Orgs.). *The Human Landscape*. Nova Delhi: Orient Longman, 2001.
- ❖ SHI, Bo. *Between Heaven and Earth: a history of Chinese writing*. Boulder, Colorado: Shambhala, 2003.
- ❖ TAYLOR, Colin. *Native American Myths and Legends*. Nova York: Smith Mark, 1994.
- ❖ TECLAFF, Ludwik. *The River Basin in History and Law*. Haia, Martinus Nijhoff, 1967.
- ❖ TREGEAR, T. R. A. *Geography of China*. Nova Jersey: Transaction, 2007.